



*Por uma cultura de paz*

## **111. RedeUnaViva: Meditação Cristã 111 – paragem 123 – 30.10.2016**

MARCOS 7:31-37 MATEUS 15:29-31

### **A CURA DO SURDO E GAGO**

Cura 11

#### **111.1 Auto-indagação reflexiva e expansiva:**

1. Por que Jesus emprega, neste caso, um modo diferente de curar?

**Ao recolher-me, na hora da meditação, afinando a sintonia com o Mestre:**

2. Para alcançar o estado meditativo, em que a minha escuta e fala podem contribuir?

#### **111.2 Introdução: O Retiro feito de peregrinação.**

Estamos numa época de Retirada, época em que o Cristo se afasta temporariamente da multidão. Como já assinalado, buscando lugar reservado para conversar mais sossegadamente com os apóstolos. Fazendo calar, em torno de si, o burburinho demandador.

É possível que ali, na região de Tiro e Sidon, tenha permanecido pequeno intervalo, quiçá uns dez dias. Mas, através de andança, o solilóquio continuou enquanto caminhavam na direção sudeste. Contornaram as terras de Herodes Antipas para evitar qualquer confronto com o perverso governante. E passando ao largo da margem leste do Lago, dirigiu-se à vizinhança de Gerasa. Ali, alguns meses antes, depois de curar o endemoninhado, tendo visto nele um potencial de mensageiro, recomendou que contasse entre os seus as grandiosidades recebidas de Deus. Marcos deu notícia que ele divulgou, em Decápole, as bênçãos recebidas de Jesus (MC-83). O empenho sincero daquele homem deve ter contribuído para que o Mestre fosse reconhecido neste retorno. Foi reconhecido, tal como o fora pela mulher cananea. Durante o Retiro, são estes os dois episódios de cura, seleccionados dentro de uma série.



### *Por uma cultura de paz*

Ali, mesmo, conforme veremos na próxima MC, acontecerá a segunda multiplicação de pães, antes dele retornar à Galileia. Este percurso todo deve ter durado em torno de um mês.

Se Marcos dividiu com Mateus a narração da cura da filha da mulher cananeia, agora Mateus apenas descreve genericamente as ocorrências de cura que se seguiram em Decápole, enquanto Marcos concentra-se em uma, cujo inusitado método empregado nos permitirá adentrar um pouco mais nesta lição tão pertinente às necessidades humanas – a cura do corpo e da alma.

Com estes sete versículos, Marcos fecha o capítulo sete, aquele que relata três curiosas situações. Na **primeira** (7: 1-16), foi oferecido o aforismo: “nada há, fora do homem, que, entrando nele, o possa contaminar; mas o que sai dele isso é que contamina o homem”. Foi arrematado com, “se alguém tem ouvidos para ouvir, ouça”. Porque precisou explicar melhor esta frase para os discípulos, prosseguiu com a **segunda** para ensinar sobre “os vícios da alma” (7:17-23). Na **terceira**, ele conta a cura da filha da mulher cananeia (7: 24-30), e termina com a **quarta**, agora, com uma cura que remete de novo aos ouvidos de escutar. Escutemo-la.

#### 111.3 Evangelho-parte 1: Depois de um tempo de Retiro vão para Decápole. (Mc)

Mc 7:31. De novo retirou-se das fronteiras de Tiro e de Sidon e foi para o mar da Galileia, por meio do território da Decápole.

Mt 15:29. Tendo deixado esses lugares, Jesus voltou para as margens do Mar da Galileia, e, subindo ao monte, sentou-se aí.

30. E veio a ele grande multidão, trazendo consigo coxos, estropiados das mãos, cegos e surdos, e deitaram-nos aos pés de Jesus e ele os curou

1. Um tempo depois, Jesus e seus discípulos, voltaram para o sul, por terra, para a margem leste do Mar da Galileia, no território não-judeu de Decápole.

2. Subiu ao monte e aí sentou-se. Foi tempo de cura, já que grande multidão afluía até ele, em reverência.

3. Coxos e estropiados das mãos, cegos e surdos foram curados.

#### 111.4 Evangelho-parte 2: A cura de um surdo e gago. (Mc)

Mc 7:32. E trouxeram-lhe um surdo e gago, e pediram-lhe que pusesse a mão sobre ele.

33. Tirando-o da multidão, Jesus levou-o à parte, pôs seus dedos nos ouvidos dele e, cuspido, tocou-lhe a língua.



*Por uma cultura de paz*

34. Depois, erguendo os olhos ao céu, suspirou e disse: ephphetha, isto é, "abre-te"!

35. E foram abertos seus ouvidos, e logo se lhe rompeu o freio da língua, e falava corretamente.

4. Trouxeram-lhe um surdo e gago, e pediram-lhe que impusesse a mão sobre ele.

5. Jesus tirando-o da multidão, levou à parte, pôs seus dedos nos ouvidos dele e, cuspindo, tocou-lhe a língua.

6. Depois, erguendo os olhos ao céu, suspirou e, em hebraico, disse: "abre-te"!

7. E foram abertos seus ouvidos, e logo se lhe rompeu o freio da língua, e ele falava corretamente.

#### 111.5 Evangelho-parte 3: A admiração incontida. (Mc)

Mc 7:36. Recomendou-lhes Jesus que a ninguém o dissessem; mas quanto mais o recomendava, tanto mais eles o divulgavam.

37. E admiravam-se imensamente, dizendo: "Fez bem todas as coisas: faz os surdos ouvirem e os mudos falarem".

Mt 15:31. de modo que a multidão se maravilhou ao ver mudos a falar, estropiados curados, coxos a andar e cegos a ver, e glorificou o Deus de Israel.

8. Recomendou-lhes que não divulgassem o ocorrido. Mas quanto mais Jesus recomendava, mais eles falavam.

9. Admiravam-se imensamente, dizendo: "fez bem todas as coisas: faz os surdos ouvirem e os mudos falarem".

10. Serviu para que Deus mais fosse glorificado.

#### 111.1. Auto-indagação reflexiva e expansiva:

##### 1. Por que Jesus emprega, neste caso, um modo diferente de curar?

Ainda afeito ao seu propósito de reclusão com os apóstolos, agora não mais em lugar fixo, outrossim peregrinando na direção de Decápole, prossegue em clima afetivo a convivência que inspiraria feitos revolucionários *a posteriori*. Não poderiam outras criaturas da Terra, que já alcançaram razoável grau de lucidez espiritual, almejar bem maior. Em qualquer época, nada superaria o júbilo de desfrutar, por duas, três semanas, desta íntima e fraterna permuta com Jesus Cristo. Mesmo que a fatura de o testemunhar viesse cobrar alto. Parando no cimo de um monte, as bênçãos curativas recaíram, com ênfase, sobre paráliticos e deficientes visuais e auditivos.



### *Por uma cultura de paz*

Um, em particular, requer método diferente. Jesus o retira da multidão e procede amorosa cura. Não foi como tantos, em que lhe bastou impor as mãos ou proferir palavra. Nem como outros que se distinguiram pelo ato de fé ou de especial vontade apresentada. Ali, não. O homem é surdo e tem dificuldades de falar. Mas não pela surdez, que fora adquirida. O encurtamento do freio da língua podia ser um defeito congênito, que não causaria necessariamente a gagueira, mas um modo comprometido de falar, sobre o qual, por outra ordem de causa, teria se instalado a disfemia.

Jesus toca seu corpo nas duas áreas associadas ao problema que carrega – ouvidos e a língua. Quis lhe indicar que estava tratando sua falta de audição ou quis imprimir uma carga magnética maior localizada? Usa sua virtude curativa de modo diferente, esta que, poderosa, tantas vezes fluiu invisível do seu coração. Faz uso de uma credence que admitia ter a saliva poderes de cura, principalmente do taumaturgo que praticasse o jejum. Mas não esqueçamos: quando *Deus quer*, até a água cura. Ou mesmo sem água, há cura. O Cristo toca a ponta dos seus dedos com a própria saliva para, em seguida, passa-la no freio da língua do enfermo. Este homem não veio de moto próprio. Foi trazido por amigos ou familiares que intercediam por ele. Quis o Cristo fazer o mesmo, provavelmente por mérito que o enfermo possuía, mas que não conseguia movimentá-lo de per si. Podemos pensar que o Cristo pretendeu primeiro preparar seu lado psicológico, para acender nele alguma participação necessária, mínima que fosse, para que a cura se efetuassem. Daí o procedimento objetivo de tocar-lhe os ouvidos e a língua, principalmente o freio que haveria de ceder. Torna a operação concreta, na medida que utiliza um meio, a saliva, acreditada eficaz pelo próprio enfermo. Com estes dois simples gestos introduz a esperança da cura. Num lugar isolado e a sós, foi mais fácil alcançar tal estado. Para uma mulher resoluta e insistente como a fenícia, sobrava otimismo e fé como ingredientes favoráveis ao restabelecimento da saúde. Para um homem determinado como o centurião romano, idem. Mas para este tímido homem, precisava, antes, o Mestre, acender no seu coração a chama da esperança. Ainda acrescenta três outros ingredientes, neste regime exclusivo de cura. Ergue os olhos ao céu, suspira e verbaliza “abre-te”. A cura está consumada.

Também solicita que guardasse em segredo o fenômeno, isto é, sugere comedimento. Entretanto, como volta a falar *corretamente*, sua fala é um inevitável cartão de propaganda. Se com aquele mancebo de Gerasa, ali da vizinhança, o Cristo recomendou o oposto – que ele contasse aos seus o quanto Deus fora bondoso consigo – assim procedeu porque o ex-endemoninhado demonstrara interesse de se integrar ao seu grupo íntimo. Neste caso, escolheu o Cristo que ele empregasse sua vontade ali mesmo, com os seus conterrâneos. A esta tímida pessoa Jesus não oferece a mesma sugestão. Basta a manifestação do poder divino ter se realizado e nada mais.

**Ao recolher-me, na hora da meditação, afinando a sintonia com o Mestre:**



*Por uma cultura de paz*

## **2. Para alcançar o estado meditativo, em que a minha escuta e fala podem contribuir?**

Se quero ser brindado com a mesma sagrada oportunidade que aqueles simples e rudes homens receberam, preciso me empenhar em regime de entrega. De doação e de reforma íntima. Aquela convivência plena e esclarecedora para que me chegue concreta, uma longa estrada preciso caminhar, incluindo a escolha de atravessar a porta estreita.

Adquirir a fé do centurião, a humildade da cananea e o amor incondicional daquela mulher que lhe derramou pelas pernas e pés a ânfora de fino óleo. São todos atos que revelam o clamor do coração e a reverência do Espírito.

Aprendo agora o quanto preciso administrar a escuta humana e o tanto a me abrir para a escuta divina. São dois tipos de vozes que me orbitam. Muitas por fora e uma única por dentro. Um plural barulhento e uma singularidade sussurrante. Preciso averiguar com que parte do coração escuto o que dizem ao meu redor. Que palavras seleciono para rebater ou para fazer morada nos meus pensamentos fixos. Aprender a assimilar as críticas que educam e a abafar os elogios que seduzem constam como itens da reforma investida. Destampar-me para a voz divina porque, de contínuo, ela fala; baixinho, mas sempre. Nos entremeios do vozerio intempestivo está ela lá, serena, quase imponderável, mas constante. Esforçando-me no silêncio da oração, diviso sua luz e me fortaleço em seu poder. Minha vontade se torna reta, precisa, dispensando personalismos.

Devo, portanto, curar minha surdez, para que a audição renasça límpida e sábia. Mas não só. Se a escuta indica o que chega, a fala concretiza o que sai. Um trânsito de mão dupla. Por isso, no retorno, o verbo requer conserto.

Aprendo com a dislalia deste homem que minha tibiez carece de coragem, minha vacilação de certeza, e minha desistência de persistência. Careço de doutrinar o conteúdo do meu discurso para que, divisando o alto, eu evite as provocações ofensivas e me afaste dos desvios sombrios que perturbem o próximo. Que eu semeie a esperança na dor apontando saídas no nevoeiro, que com frequência a todos visita.

Assim, ainda em pé, no curso da vida, posso, como meu Mestre, erguer os olhos ao céu, em busca da morada do Pai, e suspirar. Respirar profundamente, uma, duas, tantas vezes. Inspirar e expirar. Sentar para meditar. Buscar Deus como meus pulmões anseiam pelo ar. E constatar que como o oxigênio corre pelo meu sangue, Deus me é presente como essência. Jamais se retira de mim. Permanece. Mas em cada inspirar posso absorvê-lo com mais consciência, isto é, me inspirar, porque ouço a voz do Mestre pedindo que eu me abra para recebê-lo. Obedeço e constato sua forte presença. E ao expirar, eu sou Deus. De contínuo, transmito-o para todos os instrumentos do ego em que me visto nesta encarnação – todas as células, físicas e sutis, dos vários corpos que uso. E esta multidão que há em mim, maravilhada com a cura generosa, cheia de graça, no enlevo, agradece.



*Por uma cultura de paz*

111.6 **Versículo(s) para a meditação:** Marcos 7:34-35.

34. Depois, erguendo os olhos ao céu, suspirou e disse: ephphetha, isto é, "abre-te"!

35. E foram abertos seus ouvidos, e logo se lhe rompeu o freio da língua, e falava corretamente.

RedeUnaViva: Meditação Cristã 112 – paragem 124 – 06.11.16  
MATEUS 15:29-31/ 32-38 - MARCOS 8:1-9

